

# Esperar por Godot no Iraque

F.J. Bing West

*Nota: As opiniões expressadas neste artigo são do autor e não necessariamente refletem as do Exército dos EUA nem do Departamento de Defesa.*

**N**A PEÇA TEATRAL *Waiting for Godot* de Samuel Beckett, os dois protagonistas passivamente esperam por Godot, um mendigo que lhes proporcionará direção em suas vidas. Godot, naturalmente, nunca chega. Da mesma forma, os líderes do Exército e do Corpo de Fuzileiros Navais (CFN) esperam por uma direção política ou uma estratégia clara sobre o Iraque que não chega.

Supostamente, a missão atual é estabelecer um Iraque estável e democrático. Porém, o General Raymond Odierno, que está para assumir o comando do Corpo Multinacional - Iraque, disse que não sabia se a consecução de uma democracia no estilo americano será mantida na missão. Comentou a um jornalista do *The New York Times*: “Percebeu que deixei de fora algumas coisas, tais como a democracia na forma como é entendida nos Estados Unidos.”<sup>1</sup>

Devido aos imensos desafios que nossas forças terrestres enfrentam, há necessidade que tenham um objetivo claro de sua liderança. Ao longo dos próximos anos, nossas forças permanecerão engajadas em combate no Iraque com a missão ambígua de não contar com o apoio da maioria dos políticos americanos. Esta tensão entre a missão militar e as metas políticas afetará o desempenho no campo de batalha, a credibilidade estratégica, o contrato social entre o povo e nosso Exército e os orçamentos. Vamos analisar cada um dos quatro desafios.

## Risco e Desempenho no Campo de Batalha

Não existe nenhum precedente histórico da situação atual. O Presidente George W. Bush já disse que não sairemos até sermos vitoriosos, mas o Grupo de Pesquisa do Iraque (*Iraq Study Group*) — dez expoentes americanos distinguidos — já avaliou que a situação no Iraque está

*F. J. Bing West é antigo ajudante do Secretário de Defesa e um fuzileiro naval veterano do Vietnã. Atualmente consultor do Gabinete do Secretário de Defesa, o West já esteve no Iraque dez vezes, visitando 24 batalhões diferentes. Ele é autor do The Village, uma crônica de 485 dias de um Pelotão em Ação Conjunta que perdeu sete dos seus 15 fuzileiros navais; The March Up; e No True Glory: A Frontline Account of the Battle for Fallujah. O West frequentemente aparece no programa de televisão The News Hour e atualmente está escrevendo uma história da insurgência iraquiana. Também está formando uma obra prima sobre o Iraque para a The Atlantic Monthly.*

“deteriorando”, tendo o General Peter Pace, Chefe do Estado-Maior Conjunto, dito: “Não estamos ganhando, mas não estamos perdendo.”<sup>2</sup> Ninguém sabe quando esta guerra vai terminar — ou como — se de forma satisfatória ou ruim.

Enquanto entramos no quinto ano de guerra, a maioria no Congresso e as pesquisas de opinião pública querem que nossas forças façam por retirada substancial, embora se saiba que a missão — deixar um Iraque democrático, estável, em ordem e protegido por suas próprias forças — ainda não foi realizada. Ao mesmo tempo, o presidente, que tem dois anos mais como Comandante-em-Chefe, ainda não alterou a missão, apesar da opinião geral de que seu próprio partido político forçará uma mudança na missão antes da próxima eleição presidencial.

Isso é bastante diferente do que ocorreu no caso do Vietnã, quando o Presidente Richard M. Nixon assumiu a posição em 1969 e prometeu uma estratégia de uma retirada americana. Com facilidade, ele foi reeleito quatro anos mais tarde, em grande parte devido ao fato que as forças terrestres americanas já não estavam mais combatendo no Vietnã. No Iraque, outro aspecto da política americana — o anúncio público da retirada da maioria de nossos 140.000 militares — ainda não foi abandonado.

O General Pace também disse que a guerra não pode ser vencida militarmente apenas por americanos. Ao julgar pelo desempenho militar, as palavras de Pace são exatas. “Limpar, manter e construir” foram trocados por “Controlar Bagdá, retirar-se da frente, aumentar o número de assessores e passar o controle operacional aos iraquianos.” Parece que o plano é para que as forças americanas controlem a violência sectária, especialmente em Bagdá; adestrem as Forças de Segurança Iraquianas; e transfiram o controle do Exército Iraquiano ao Primeiro Ministro Nouri al-Maliki. O General William Caldwell, porta-voz militar no Iraque, disse: “Devemos ver a transferência completa do comando e controle para todos as divisões do Exército Iraquiano antes do fim de primavera ou do início do verão.”<sup>3</sup>

No entanto, o Sr. Maliki ainda não demonstrou ser um verdadeiro líder. Dar a ele mais controle sobre as forças armadas para reforçar sua autoconfiança seria um grande risco. Em função de ter sido notícia de primeira página por vários

meses, incluindo os vazamentos deliberados de memorandos explícitos da Casa Branca, todo mundo entende que as unidades e assessores americanos estão conduzindo uma ação de ocupação. Vencer não é uma opção quando o risco de um trágico fim americano no Iraque existe para todos assistirem.

De fato, o nível de pessimismo entre as elites formuladoras de decisões políticas, o Congresso e a imprensa é surpreendente. Tendo visitado 15 unidades americanas e iraquianas em setembro e outubro, afirmo que nossas chances de sucesso são cinco em uma tabela de um (desastre) a dez (êxito). Em outras palavras, a evidência anedótica é confundida e não existe nenhuma medida objetiva no país para determinar se a estabilidade ou a guerra civil será a mais provável.

O desafio é inspirar o comportamento profissional diante da incerteza estratégica e do pessimismo público. Em ambos, na Coréia e no Vietnã, as expectativas sobre o desempenho de combate mudaram quando as guerras chegavam ao fim. Em 1953 na Coréia, as patrulhas foram cuidadosamente posicionadas para minimizar as chances de alguém ser seqüestrado e em 1970 no Vietnã, o patrulhamento agressivo foi desencorajado quando as unidades começaram a retirada. Ainda não chegamos a este ponto de demarcação no Iraque, mas está se aproximando rapidamente. No meio deste clima, uma pergunta: É esperado dos soldados um comportamento com a mesma agressividade e ações de risco que realizaram no ataque a Bagdá em 2003?

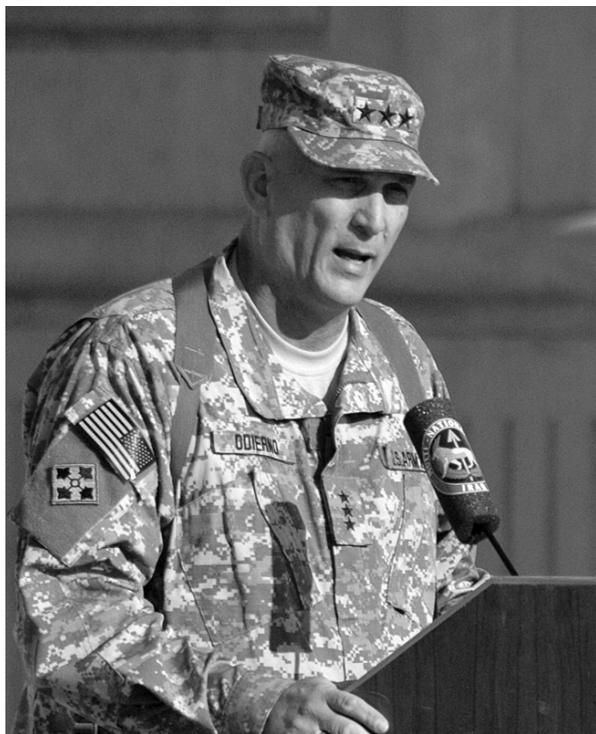
Em novembro, o *The New York Times* publicou uma reportagem na primeira página de domingo sobre um capitão que, frustrado com a ineficiência da polícia iraquiana, disse em sua essência que o trabalho era levar os soldados para casa sem perder mais ninguém.<sup>4</sup> Isso criou um tumulto no meio dos internautas militares, especialmente com um general Fuzileiro Naval, famoso por sua ferocidade nos combates e por suas palavras francas, tendo escrito: “Pare de choramingar!”

Determinar o equilíbrio entre a agressão tática e a precaução para seus soldados é difícil em qualquer tempo. Chega a ser particularmente desafiador quando cada soldado entende que os líderes políticos iraquianos estão hesitantes em confrontar com os insurgentes sunitas, com os assassinos xiitas e que a eleição no Congresso

americano já assinalou uma vitória esmagadora contra a insistência do Presidente em manter o status quo.

Têm ocorrido mudanças de comando no Iraque, particularmente quando o patrulhamento de determinadas frações não tem sido agressivo. Ao mesmo tempo, para evitar baixas ou seqüestros, nossos generais já determinaram restrições táticas gerais, tais como sempre usar colete de trinta libras (13.6 quilogramas) e nunca sair da base com menos de 8 americanos ou 4 viaturas leves. No Iraque, nossa doutrina de contra-insurgência enfatiza as ações “não cinéticas” e nossas regras de engajamento são tão restritas como as da polícia nos Estados Unidos. Na teoria, os comandantes superiores comunicam suas intenções, deixando a iniciativa e os detalhes de execução para seus subordinados. Na realidade, o comando superior dita às medidas de proteção de força e acompanha continuamente. A tomada de decisões descentralizada é limitada para reduzir as chances de baixas amigas.

Em 2007, estaremos aumentando o número de assessores para proporcionar mais experiências de combate nas ruas, locais onde ocorrem as batalhas.



O General Ray Odierno, novo comandante do III Corpo do Exército, no Acampamento Victory Iraque, (14 de dezembro de 2006).

Por falar da disparidade de equipamento de proteção pessoal e de poder de fogo existe, e permanecerá existindo, uma grande diferença entre os assessores e as forças iraquianas. Isso leva a uma pergunta sobre a missão dos assessores: É esperado que os iraquianos façam como seus assessores fazem ou como eles dizem?

Em dezembro, recebi um e-mail de um assessor de um remoto posto avançado, enviado logo após um homem-bomba ter matado um de seus soldados. O assessor escreveu: “Não queremos ficar nesta vila para sempre, mas enquanto estivermos aqui sem dúvida acreditamos que vamos resolver o problema. Há irritações demais fluando ao redor dos termos ‘vencer ou perder’ e ‘acreditar na causa’. O trabalho é difícil e suficientemente sério, que sem seu compromisso total para com sua unidade ou uma crença em algo maior do que você mesmo, seria fácil se poupar, dormir uma ou duas horas a mais, alongar o tempo dentro da base... e seus colegas, naturalmente, perceberiam isso imediatamente e acabariam expulsando você. Keegan disse que os infantis trabalham apenas pelo reconhecimento de seus colegas. Eu concordo com isso.”

Uns dias depois que recebi esse e-mail, a *Associated Press* publicou uma história sobre uma unidade que estava a 10 milhas (16 quilômetros) distante. Um soldado americano disse: “Já estamos aqui há 12 meses e não houve nenhum progresso. É como segurar a mão de uma criança. Por quanto tempo temos que segurar a mão dela antes que ela faça alguma coisa sozinha? Por quanto mais tempo ficaremos expostos para sermos baleados ou explodidos? Não quero passar minha vida assim.”<sup>5</sup>

Não devemos desviar para interpretações divergentes da missão e de agressões contra as táticas de proteção como já fizemos no Vietnã quando a guerra terrestre começou a terminar. O nível de agressão que esperamos que nossos batalhões e equipes de assessores possuam ao longo dos próximos dois anos exige ser abordado explicitamente. O General George W. Casey Jr., Comandante da Força Multinacional - Iraque, reúne-se com cada comandante e estado-maior dos batalhões combatentes americanos. Sem dúvida, o General Odierno fará o mesmo. Em geral, deve ser uma série de padrões e expectativas sobre o comportamento agressivo de nossos batalhões e equipes de assessores. No Acampamento

*Fallujah*, está escrito num letreiro: “Bem-vindo à luta.” Parabéns para esse comando. Esse tem que ser o espírito. A agressividade salva vidas.

## Credibilidade Estratégica

Sem se importar com a maneira que a guerra no Iraque termine, a imprensa americana, a elite dos formuladores de decisões políticas e a maioria do público já concluíram que a guerra foi um fracasso. Os fatos não mudam atitudes e o julgamento contra o Iraque já foi decidido. Se os generais americanos agirem com juízo no Iraque ou foram tão culpados quanto os formuladores civis de decisões políticas, isso vai ser discutido ao longo da próxima década. O General do Exército aposentado Jack Keane, antigo Vice-Chefe do Estado-Maior do Exército, informou ao *The New York Times*: “Aqui existe uma responsabilidade compartilhada. Acredito que não só se pode culpar a liderança civil.”<sup>6</sup>

O assunto de quem errou no Iraque causará mais discórdia do que a Guerra do Vietnã devido a um aspecto-chave: as Forças Armadas estão internamente divididas. Depois do Vietnã, os militares e as pessoas que lá serviram se uniram, sendo que 95% das pessoas estão orgulhosas do seu serviço e a grande maioria acreditando que a causa foi nobre.

Diferente dos vietnamitas do sul, os iraquianos ainda não combateram com bravura e muitos já exibiram amargura contra os Estados Unidos. Nas áreas onde existe pouca violência — a maioria das províncias — há pouca vontade de se sacrificar pelo país e não há gratidão aos EUA por trazer liberdade. O líder religioso dos xiitas no Iraque, o Aiatolá Sistani, tem grande influência nos assuntos políticos e já se reuniu com representantes da ONU, mas ele se recusa a reunir-se com um oficial americano.

No Iraque, os ministérios não se sustentam por seus próprios quadros. Os políticos iraquianos ineficientes, divididos pelas lealdades sectárias e uma sociedade traumatizada por décadas de tirania sanguinária, ainda não foram capazes de gerar uma competência sustentada e um bom quadro de líderes. O resultado é que para muitos iraquianos o primeiro interesse é cuidar de suas famílias, depois da tribo e em seguida da seita religiosa, sendo que a lealdade nacional é a quarta prioridade.

No entanto, a rede Al-Qaeda no Iraque é uma realidade perversa, implacável e dedicada a matar. Uma queda no Iraque resultaria em uma guerra regional mais ampla e confusa. Uma derrota para os EUA seria mais do que uma humilhação nacional; afetaria adversamente o comércio, nossa economia, nosso respeito público e a vontade de outras nações de se aliarem conosco. Perder não é uma opção.

***Temos que avaliar nosso desempenho militar com sinceridade e não imitar os políticos que se recusam a reconhecer erros — ninguém passa pela vida, guerra ou um jogo de futebol sem cometer erros.***

Então, qual é a missão atual? Treinar as Forças de Segurança Iraquianas para que sejam capazes de restaurar um pouco da estabilidade duradoura. Se essa será acompanhada de uma democracia no estilo americano ou por um exército que os controle nos bastidores, como foi o caso na Turquia e na Coreia do Sul, há algumas décadas, temos que esperar para ver.

Generais altamente respeitados, como o Fuzileiro Naval aposentado Tony Zinni, já criticaram a política que conduziu à guerra, com a imprensa fornecendo um microfone metafórico, enquanto permaneceram silenciosos sobre a estratégia militar para travar a guerra. Infelizmente, os generais norte-americanos ainda não se distinguiram nesses quatro anos da missão mínima atual de treinar soldados nativos para assumirem um trabalho que definimos como miserável e não pudemos completar. Em 1991, durante a Operação *Desert Storm*, nossos generais se deleitaram da adulação pública e acreditaram que a vitória fosse devida a eles. A modéstia não foi uma característica encontrada nos livros, revistas e desfiles que seguiram a rápida expulsão das forças iraquianas do Kuwait.

Depois de 11 de setembro, o Comando Central dos EUA parecia determinado a estabelecer um segundo caminho à glória. Junto com o Secretário

de Defesa Donald Rumsfeld, o General Tommy Franks foi elogiado por debandar o Talibã. Isso foi seguido pela marcha impressionante para Bagdá em abril de 2003. O Gen Franks se aposentou e, como seus predecessores, os generais Norman Schwarzkopf e Zinni, escreveu um texto biográfico extremamente popular que divulgou seu conhecimento militar.

Esse foi o ponto auge para a adulação pública dos generais. A regra indiscutível da política — e de todos os generais, assim como todos os executivos superiores, possuem habilidades políticas refinadas — é que os cortesãos elogiam os vencedores e se abstêm dos perdedores. Enquanto o Iraque se desintegrou no fim de 2003, a imprensa começou a se afastar dos generais que elogiara.

A imprensa começou a fazer perguntas sobre o papel dos generais nas decisões-chave. O General Franks concordou com a decisão da Casa Branca de violar o princípio da unidade de comando, estando de acordo que era apropriado revezar seu vice, o General aposentado Jay Garner, como diretor do Gabinete de Reconstrução e Assistência Humanitária no Iraque e de dar posse ao Embaixador Paul Bremer. Essa mudança estabeleceu uma cadeia de comando paralela subordinada diretamente ao Presidente, concedendo ao Bremer a autoridade de determinar a missão e o orçamento do novo Exército Iraquiano e da polícia. Esta foi uma decisão ruim.

O General Franks sustentava que era a favor da unidade de comando, mas depois concordou em aboli-la.

Em julho de 2003, o General John Abizaid, que sucedeu o Gen Franks como o comandante do Comando Central dos EUA, declarou que uma insurgência surgira no Iraque, mas permitiu que a Força-Tarefa Combinada Conjunta-7, na época o Comando Militar da Coalizão no Iraque, executasse operações ofensivas unilaterais ineficazes por mais um ano e meio. Isso não levou em consideração a doutrina básica de contra-insurgência. A Força-Tarefa Combinada Conjunta-7 e o Comando Central dos EUA ordenaram uma força expedicionária dos Fuzileiros Navais para assaltar Fallujah em abril de 2004, rejeitando os protestos do comando subordinado. Depois, o Comando Central dos EUA ordenou à força expedicionária dos Fuzileiros Navais para cessar o ataque quando completaria a missão em mais dois dias. Neste ponto, a força expedicionária dos Fuzileiros Navais transferiu a cidade aos ex-generais iraquianos, que tinham perdido o controle para Musab al-Zarqawi. Ao decidir a transferência do poder aos generais iraquianos, a força expedicionária consultou o Comando Central dos EUA, mas não houve coordenação com o Embaixador Bremer e o com Departamento de Estado, que objetaram com veemência quando souberam mais tarde sobre a transferência de comando em Fallujah. Não houve glória nenhuma associada a essas decisões militares.

No ano seguinte, 2005, foi marcado com vasculhamentos de áreas que empurravam os insurgentes de uma cidade para outra. Na Província de Anbar, nunca havia tropas suficientes para a missão. O Senador Joe Biden anunciou na televisão que um general superior em Anbar lhe disse que precisava de mais forças americanas, mas o Comando Central dos EUA, o Estado-Maior Conjunto e o Comando no Iraque responderam que não precisavam de mais tropas. Isso não é uma reflexão de caráter; todo mundo comete erros. Os oficiais superiores aderem a um código de liderança e honra que deve ser estimulado por aqueles executivos corporativos



O Gen George W. Casey Jr., segundo da esquerda, Comandante da Força Multinacional-Iraque, com soldados do 1º Btl do 24º Rgt de Infantaria, em Mosul (27 de janeiro de 2005).

AFP

que tornaram a mesquinhez uma virtude.

No entanto houve uma falha sistemática que persiste até hoje. Na guerra convencional, o objetivo é derrotar a força inimiga. Isso deixa a população civil preparada para a ocupação, como na Segunda Guerra Mundial, ou força o governo inimigo a aceitar os acordos da rendição, como na Primeira Guerra Mundial.

O progresso da campanha pode ser medido pelo terreno conquistado ou pela destruição de exércitos. Para uma insurgência, essas medidas não são verdadeiras e outras devem assumir o lugar delas.

No Iraque, nossas Forças Armadas não ofereceram medidas convincentes ao público. Por isso, a imprensa desenvolveu as suas de acordo com o grau de violência cotidiana, especialmente relacionado aos mortos civis. Como resposta, as Forças Armadas destacaram um número cada vez maior de forças iraquianas “treinadas”, enquanto que a violência crescia. O resultado foi que uma grande parte da imprensa, do Congresso e da comunidade de política estrangeira começou a duvidar da sabedoria e da sinceridade dos generais.

Em 2003, as táticas de guerra convencional foram aplicadas maravilhosamente durante a rápida marcha sobre Bagdá. No entanto, quando a guerra se tornou uma insurgência, persistimos por 18 meses com táticas inapropriadas de guerra regular. Essa foi a Fase I: emprego de táticas de guerra convencional aplicadas inapropriadamente contra insurgentes.

Os saddamistas (leais a Saddam) dirigiram a insurgência sunita no fim de 2003 e 2004. Os



*Um carro de combate M1A1 dos Fuzileiros Navais dispara sua arma principal em um prédio contra insurgentes que atiraram em outros fuzileiros navais durante uma batalha em Fallujah, na Província de Al Anbar, Iraque (10 de dezembro de 2004).*

Departamento de Defesa

ex-oficiais do exército tinham habilidades e souberam tirar proveito das legiões de jovens marginalizados que foram animados pelas pregações incitadoras dos clérigos sunitas que ganharam poder durante a ausência do governo local. Os invasores americanos eram os alvos. Simultaneamente, a Al-Qaeda no Iraque estava escolhendo como alvos os símbolos da liderança xiita.

Antes de 2005, a Al-Qaeda no Iraque marginalizou os saddamistas e surgiu como líder entre as diversas células insurgentes. Sob o comando do General Casey, os batalhões de combate americanos se organizaram para executar operações de contra-insurgência, visando conquistar os corações e mentes da população sunita. Em essência, isso significava menos buscas e incursões severas e mais atenção ao diálogo e a obras civis. A manual de campanha sobre as operações de insurgência, publicado em dezembro de 2006, codificou as mudanças que tinham evoluído desde o início de 2005. Cada batalhão americano no Iraque estava realizando operações de contra-insurgência. Isso era a Fase II: a contra-insurgência contra os insurgentes.

Contudo, as contradições fundamentais nunca foram resolvidas. A grande maioria dos sunitas queria a saída dos americanos. Eles não queriam que Al-Qaeda no Iraque assumisse o controle e impusesse o domínio do Talibã, mas ainda assim eles consideravam legítimo para os insurgentes matarem os americanos. Os americanos eram os invasores que tiraram o poder dos sunitas e o deram aos xiitas, que tinham sido oprimidos por séculos. A Al-Qaeda no Iraque e as células “moderadas” que se chamavam “a resistência honrosa” concordaram que os americanos tinham que ser expulsos. Os sunitas ainda não aceitaram que mereciam perder o domínio do poder ou que a perda dele será permanente. Por mais de 18 meses, os oficiais americanos têm reunido no Jordão com pelo menos sete grupos de insurgentes que reivindicavam que queriam acordos razoáveis, mas rejeitaram todas as ofertas. A irracionalidade obstinada prolongou a violência anti-americana.

Os EUA não tiveram êxito na Fase II. Até novembro de 2006, o General Abizaid disse que a Província de Anbar, uma fortaleza da insurgência, “não estava controlada”.<sup>7</sup> Antes disso, a máxima de contra-insurgência americana de “limpar, segurar e construir” tinha sido ultrapassada pelos eventos. Com a destruição da mesquita em Samarra em fevereiro de 2006, a guerra se transformou na Fase III: a violência sectária que exige técnicas policiais de identificar, prender e encarcerar.

As esquadras suicidas xiitas estavam respondendo com mais ferocidade aos bombardeamentos cruéis de suicidas sunitas. Diante da limpeza étnica, assassinatos em massa e o caos em Bagdá, as tropas americanas foram apressadas à capital. Mas o Primeiro Ministro Maliki declarou que a Cidade de Sadr, o covil dos homens suicidas, estava fora dos limites para as unidades americanas. Por isso, as forças americanas tinham que assumir uma postura tática de defesa, ficando limitadas a patrulhar e realizar incursões insuficientes para domar a violência. Cada dia, a mídia americana em Bagdá reportava sobre dezenas de corpos encontrados amarrados, torturados e executados. A frustração do público americano resultou em grandes perdas políticas dos Republicanos nas eleições que foram realizadas entre o período da escolha presidencial, seguida pela demissão

do Secretário de Defesa e a publicação do relatório do Grupo de Pesquisa do Iraque (*Iraq Study Group*). O Grupo recomendou um grande aumento no número de assessores, a retirada em 2007 das unidades de combate americanas, quando as condições assim o permitirem, e assistência ao Governo Iraquiano de acordo com a consecução de certas metas de desempenho. Depois, o Presidente Bush declarou que adotaria uma nova estratégia: “O povo americano espera o desenvolvimento de uma nova estratégia para que realizemos o objetivo de que já estive tratando,” disse ele.<sup>8</sup>

Qualquer estratégia compreensiva possui os componentes políticos bem como os militares. Mas a imprensa e a Casa Branca — companheiros estranhos — não vão responsabilizar o restante do Governo americano pela guerra. O sistema judicial do Iraque é falido, o desemprego está alto e o Primeiro Ministro Maliki e os xiitas têm que se reconciliar com os sunitas, substancialmente, para diminuir a violência. Estas são as tarefas políticas e econômicas. No entanto, o Departamento de Estado, a Agência Norte-Americana para o Desenvolvimento Internacional (*USAID*) e o restante do Governo americano nunca chegaram com uma equipe de trabalho profissional e adequada à realidade iraquiana. Em 2007, há necessidade de que a Casa Branca mude a situação.

A estratégia militar dos EUA, também, deve mudar. No ano seguinte, a maioria do espaço de batalha será transferido ao Exército Iraquiano, com as unidades operacionais norte-americanas saindo das áreas de combate para serem empregadas mais como forças de reação ou de incursão contra a Al-Qaeda e esquadras suicidas no Iraque. As unidades americanas não vão continuar a ocupar as cidades sunitas e tentar ganhar o apoio da população ou protegê-la dos insurgentes que estavam escondidos no meio dela. A contra-insurgência já não é mais o objetivo central. A tarefa principal já mudou para o adestramento das Forças de Segurança Iraquianas.

As forças americanas enfrentam três tarefas principais: primeiro, reduzir a violência em Bagdá enquanto conseguem controlar a polícia; segundo, trabalhar como o Exército Iraquiano no Triângulo Sunita, fazer acordos com as tribos e



O General do Exército George W. Casey Jr., Comandante da Força Multinacional-Iraque, com o Secretário de Defesa Robert M. Gates em uma conferência de imprensa no Acampamento Liberty, Iraque (20 de dezembro de 2006).

enfrentar a polícia; e terceiro, priorizar o esforço de assessores, aumentando o número de 3.500 para 15.000. Os assessores têm que montar uma comissão combinada de iraquianos e americanos para designação dos principais comandantes iraquianos e destituí-los em casos de negligência. Sem esse poder, nossos assessores arriscam suas vidas e não poderão causar efeitos na área essencial: a liderança iraquiana. Devemos adaptar nossas táticas para essas novas missões. Nossas forças não estão entrando em contato direto com o inimigo nos combates. O inimigo já aprendeu a não engajar com os americanos. Recentemente, encontrei com alguns infantes de grupos de combate que estavam completando seu segundo desdobramento. De 40 deles, mais ou menos seis ou sete acreditam que tivessem atingido um insurgente. A referência comum para o combate contra insurgentes foi a seguinte: “é como lutar contra fantasmas.” O poder de fogo não é a solução porque não pode ser aplicado.

Aproximadamente 20% do esforço de uma brigada de combate são as incursões, a maioria à noite. Estas produzem a maior parte dos

resultados em termos de detidos. Cerca de 80% do esforço é voltado à auto-proteção, patrulhas e mais patrulhas — a maioria em colaboração com unidades iraquianas. No entanto, a iniciativa para engajar está com o inimigo. Dirigimos ou andamos perto dele, mas ele escolhe como e quando atacar. As patrulhas não deixam a violência ficar fora de controle, mas não mudam as atitudes ou o equilíbrio da guerra. As patrulhas ganham mais tempo. Isso não é uma estratégia; é uma ação para manter nossa posição.

Manter para qual ação e para quem? O inimigo já usou as mesmas táticas de assassinato sectário em massa, homens-bomba e intimidação por meio de assassinatos por quatro anos. Os assassinos têm que ser identificados, detidos e prendidos para vida inteira. A guerra já passou pela fase de contra-insurgência e chegou à fase de policiamento.

O primeiro imperativo tático é identificar o insurgente que se esconde em plena vista no meio da população. Quatro anos depois da guerra ter começado, ainda não temos nenhum meio confiável de identificar os insurgentes em Bagdá



Departamento de Defesa

O General John Abizaid, Comandante do Comando Central dos EUA, responde perguntas perante o Comitê das Forças Armadas do Senado (9 de março de 2006).

ou no Triângulo Sunita. As Patrulhas de Fronteira dos EUA (*U.S. Border Patrol*) usam assistentes pessoais digitais portáteis (*Personal Digital Assistant — PDA*) capazes de tirar uma impressão do polegar de um pedestre ou motorista, enviá-lo via rádio e dentro de dois minutos ter a história do indivíduo na tela. Se não houver nenhuma informação anterior, a impressão é colocada no banco de dados. O procedimento é simples, rápido e tem uma taxa de sucesso aceitável. Nós e os iraquianos executamos milhares de patrulhas e paramos dezenas de milhares de carros cada dia. Se nossas forças estivessem equipadas com estes aparelhos, todos os homens de idade militar seriam registrados dentro de seis meses.

Porém no Iraque, nosso complexo militar-industrial já atuou com sucesso contra cada esforço para introduzir qualquer sistema de impressão digital simples. A comunidade de inteligência, que não realiza patrulhas, insiste em um sistema elaborado e complexo chamado Sistema de Ferramentas Automáticas Biométricas (*Biometric Automated Toolset*

*System — BATS*). Cada vez que falha, mais dinheiro é investido nele. Melhoramentos já foram realizados gradualmente, mas o Sistema é reservado somente para os americanos e funciona ligado a computadores sigilosos. Então no nível batalhão, incluindo todas as unidades iraquianas e delegacias policiais, continuamos sem a ferramenta mais básica de controle da população: a identificação.

A polícia iraquiana praticamente não prende ninguém. Um de cada 318 americanos está na cadeia por crimes violentos; um de cada 869 iraquianos é preso por cometer um crime ou por ser parte da insurgência. Os Estados Unidos encarceraram mais 14.000 no Iraque. Somados, um de cada 719 iraquianos está na cadeia — entre duas e três vezes menos do que nos Estados Unidos. Ainda assim, as chances de um civil ser assassinado são 21 vezes maiores do que nos Estados Unidos e 43 vezes se for integrante das Forças de Segurança Iraquianas.

O Iraque tem na sua custódia menos prisioneiros do que Saddam soltou no final de

2002, quando abriu os portões dos presídios e soltou dezenas de milhares de criminosos que estavam encarcerados ao longo de décadas. Hoje, oito de cada dez detidos saem livres — e são pagos \$6 por dia pela inconveniência.

Antes de 1969, o Vietnã do Sul tinha 40.000 guerrilheiros no Islã de Kho Tang e outros presídios. Ao se ajustar pelas diferenças de população, o Iraque deve ter pelo menos 60.000 prisioneiros, em vez dos 14.000 que estão presos atualmente. A razão pela qual não estamos atingindo o inimigo é porque o soltamos. No Iraque, “o programa de prender e soltar” (que se refere a um programa em certos lagos e rios nos EUA onde o pescador pode apanhar peixes, mas tem que soltá-los) é muito frustrante para os soldados americanos e iraquianos. A “regra dessa lei” absurda ajuda e coopera com os insurgentes e os homens suicidas. Esta guerra vai continuar indefinidamente porque nossos comandantes superiores, militares e civis não entendem que o esforço da guerra está sendo enfraquecido sistematicamente ao não prender e aprisionar os insurgentes e suicidas durante o conflito. O maior defeito — e pode ser mortífero — no esforço para restaurar a estabilidade é a recusa dos sistemas iraquianos e americanos de aprisionarem os criminosos, insurgentes e integrantes de grupos suicidas. Enviar mais tropas americanas para Bagdá e liberar homens-bomba não faz sentido. Se não se pode identificar o insurgente, se não se pode aprisioná-lo quando prendê-lo e permanecer taticamente na defensiva esperando o inimigo atirar, não se vai vencer a guerra. E isso é uma realidade militar, não uma postura econômica ou política.

Então, como é que poderemos vencer? Não venceremos. Nossas tropas poderão manter o controle da violência até que a liderança xiita iraquiana chegue a um acordo político com os sunitas, que por sua vez poderão parar de apoiar os insurgentes, eliminando a Al-Qaeda no Iraque. Em outras palavras, nossa estratégia é para que outros implementem sua estratégia.

Os Estados Unidos não controlam os atores principais no Iraque. Estamos como um comerciante poderoso em um mercado mutante competindo com modelos de comércio alternativos. O General Abizaid e o Presidente Bush estão apostando em Maliki, mas até agora

ele tem sido fraco. Ao desdobrar mais tropas americanas e ao ceder mais controle às forças iraquianas, eles estão apostando que o governo Maliki melhorará.

O Grupo de Pesquisa do Iraque tomou uma posição contrária. Eles recomendaram vincular os meios dos EUA ao desempenho do mercado. Se o mercado alcançar o critério esperado, aumente os meios. Se não desempenhar o nível da expectativa, diminua os meios.

Então, para onde estamos indo? Para dois caminhos: um é o desenvolvimento das Forças de Segurança Iraquianas sob a vigilância dos assessores americanos; o outro é o surgimento de um Governo Iraquiano responsável. O General Abizaid já assegurou ao Congresso que o Primeiro Ministro Maliki executará ações contra as milícias xiitas e surgirá como o líder verdadeiro em fevereiro, março ou abril de 2007. Pode ser que Maliki esteja para receber uma benção divina que venha a alterar seu caráter. Mas se Maliki for incapaz de tomar medidas contra as milícias ou realizar a reconciliação, o Presidente Bush terá que aceitar uma democracia mal construída pelos EUA ou tolerar uma tentativa de ganhar o poder nos bastidores com as fartas Forças Armadas Iraquianas.

Há quatro anos, a rede Al-Qaeda não existia no Iraque. Mas agora existe e é perigosa demais. Devido a nossa ineficiência, Zarqawi capturou Fallujah no verão de 2004 e apenas uma batalha sangrenta poderia expulsá-lo. Não se permitiu a seu sucessor estabelecer refúgio em outra cidade e impor o domínio estilo Talibã na área. Devemos estar preparados para um fracasso de Maliki, mas não devemos criar condições para que fracasse. Estamos adestrando as tropas iraquianas para ser o cimento que vai manter o Iraque unido no lugar dos americanos. Devemos aumentar nossas chances de sucesso e deixar ser aceitável um modelo governamental semelhante à Coréia do Sul ou Turquia, nas décadas de 60 e 70 — os dois sendo democracias em desenvolvimento com assembleias nacionais e exércitos fortes que asseguraram a manutenção da ordem.

Além da campanha no Iraque, um resultado em longo prazo óbvio desta guerra confusa é a perda de poder dos comandantes combatentes. Por mais de uma década após o Ato Goldwater-Nichols, os comandantes combatentes eram chamados



*“Elogio pelo valor”: O Gen Peter Pace apresenta a Medalha de Ouro de Lembrança ao filho do Sgt Paul Smith, do Exército dos EUA, durante a cerimônia “Um Tempo de Lembrança” em Washington D.C., 21 de maio de 2006. O Sgt Smith foi assassinado em Bagdá, Iraque, e premiado postumamente com a Medalha de Honra.*

de Comandantes em Chefe e tinham autoridade independente dos Chefes do Estado-Maior Conjunto e Washington. Por exemplo, o Gen Franks ficou entusiasmado ao contar a história quando se referiu aos Chefes do Estado-Maior Conjunto com palavras depreciativas e como eles responderam depois de sua marcha aparentemente vitoriosa sobre Bagdá, tirando suas camisas para mostrar camisetas de cor roxa enfeitadas com as mesmas palavras depreciativas.

Este ato de auto-depreciação e admiração sinalizou o ápice do poder burocrático dos comandantes dos teatros de operações. No próximo conflito, os Chefes do Estado-Maior Conjunto não passarão este tipo de honra às decisões estratégicas de um único comandante. Nem tampouco a imprensa, o Congresso e o público farão isso.

## O Contrato Social

Nem tudo é saudável dentro do campo político. Dada a vitória da Operação *Desert Storm* em 1991 e a marcha para Bagdá em 2003, a imprensa aguardava uma vitória rápida e não foi alertada sobre um retrocesso na situação. Desde 2003, os principais jornais já publicaram sem concessões artigos na primeira página sobre o sangue e o caos no Iraque. Não é a quantidade de violência que está afetando as avaliações do público: 58.000 soldados americanos morreram no Vietnã, comparado a aproximadamente 3.000 mortos até hoje no Iraque. Ao invés disso, as

pesquisas de opinião pública mostram que a baixa aceitação do público sobre a guerra é decorrente dos anos de esforço sem um progresso evidente.

Como o Iraque vai se revelar é problemático: nenhum soldado iraquiano ou policial ousa ir para a casa de uniforme. Um governo não tem o controle do país quando suas forças de segurança escondem sua identidade.

Se a história for um guia, até melhoramentos dramáticos no Iraque não irão aliviar a impressão negativa sustentada pela maioria dos americanos. Como eu disse anteriormente, os fatos não mudam as atitudes e isso é especialmente verdade quando egos e reputações estão envolvidos. Já vimos isso antes. Durante os anos iniciais da Guerra do Vietnã (1965-1967), o alto comando americano em Saigon repassava constantemente cada relatório de forma tão otimista que a imprensa referia-se a esse briefing cotidiano como “A Loucura das 5 horas.” As Forças Armadas tinham perdido sua credibilidade.

Todavia, a imprensa deu crédito ao General Creighton Abrams com o sucesso alcançado em sua campanha de contra-insurgência. Em 1969, andei de ônibus público para visitar um distrito 15 milhas (24 quilômetros) ao Sul de Da Nang, na província de Quang Nam; hoje, nenhum americano pega um ônibus no Iraque. No entanto, as histórias otimistas da Guerra do Vietnã acabaram com a chegada da estratégia temerosa do General William Westmoreland. A campanha tenaz e bem sucedida do Gen Abrams de 1968 a 1970 chegou a ser um suplemento a uma conclusão anteriormente prevista por jornalistas que se tornaram uma parte da história. O *The Best and the Brightest* de David Halberstam, *A Bright Shining Lie* de Neil Sheehan, a autobiografia de auto-justificação de Robert N. McNamara e outras contas fictícias essencialmente terminaram com a Ofensiva do *Tet* em 1968. O restante da guerra se tornou uma nota de rodapé jornalística.

No Iraque vai ser da mesma forma. Ao ler a imprensa comum, pensar-se-ia que o Iraque iria estilhaçar-se de forma irreparável no final de 2006. Amanhã, a situação só pode piorar e transformar-se em uma guerra civil sangrenta e caótica. Isso é a trama sobre a qual editores já arriscaram suas reputações. Se o Iraque acalmar

e alcançar o nível de violência da Califórnia, ainda permaneceria desordem suficiente para se chamar o país de uma bagunça. Não haverá um fim de guerra que permitirá aos democratas e republicanos, jornalistas e políticos igualmente reconhecerem que a guerra melhorou a segurança nacional em longo prazo.

Como os EUA já não prestam atenção à guerra, se tem duvidado sobre o que se espera de seus soldados. Diferente do Vietnã, a grande maioria dos cidadãos respeita os soldados individualmente e as Forças Armadas como uma instituição. No entanto, atrás desse respeito há mais piedade para os soldados que servem no Iraque do que orgulho ou um sentido de compromisso e sacrifício compartilhado. O Iraque não é aceito como um ônus para a nação resolver. A Casa Branca e o comando superior das Forças Armadas estragaram isso ao assumir uma vitória rápida que não exigiria um compromisso do público geral.

Antes do quinto ano de combate, a atitude popular predominante parece ser: “Pobres soldados, estão longe de casa e se arriscam a morrer ou ficar feridos.” Muitos, incluindo generais aposentados, opõem-se a missão no Iraque, mas apóiam os soldados, que não acreditam na sua missão. Isso cria uma contradição que é aliviada ao se dizer, em essência: “Faça seu dever, mas não se arrisque desnecessariamente.”

O contrato social não mencionado entre o povo e o soldado já mudou, pelo menos temporariamente. Serviço, obediência e separação da família são esperados do soldado, mas valor — arriscando a vida — não é valorizado publicamente. A imprensa vincula o valor aos nomes das guerras passadas — o Deputado Murtha e os Senadores Kerry e Webb — quando existe uma agenda política. Os atos impressionantes de bravura no Iraque passam sem receber grande reconhecimento.

A guerra significa assumir o risco de morrer para eliminar o inimigo. O preço da coragem, por sua vez, pode ser pago com a morte. Ambos, o público e nossas Forças Armadas, já se tornaram acostumados a aceitar comparativamente riscos reduzidos e poucas baixas, ao mesmo tempo infligindo comparativamente baixos níveis de danos. Combater um inimigo futuro com essas expectativas públicas seria desastroso.

Destacar a coragem incomum como virtude comum deve permanecer como lema daqueles que escolheram para servir. Porém nos EUA, a amargura sobre a política iraquiana já diminuiu o elogio dado ao valor, a menos que seja dado um endosso da política. Devemos publicamente saudar a coragem se esperarmos mantê-la como o principal valor americano. Como o poeta W. H. Auden uma vez escreveu: “Ensine o homem livre a elogiar.” O novo Secretário de Defesa tem essa chance de mudar a opinião pública ao rotineiramente identificar os atos de bravura. A imprensa vai entender este sinal.

***O contrato social entre o soldado e o público americano precisa ser restaurado.***

## **Estratégia e Orçamentos**

O apoio anual às operações no Iraque e Afeganistão consomem US \$ 90 bilhões enquanto os custos crescentes de educação e saúde pública, combinados com algumas necessidades de infra-estrutura que estão sendo adiadas demasiadamente, exigem a atenção dos legisladores. O orçamento do Departamento de Defesa é uma competição entre as forças singulares para uma verba que é baixa demais e improvável de aumentar.

Como as Forças Armadas e o Gabinete do Secretário de Defesa entram em um acordo sobre o assunto, o orçamento é uma arte misteriosa, mas está relacionado à área estratégica. Três estratégias competem pelas verbas. A primeira é o modelo de atacar à distância com alta-tecnologia, um exemplo foi a campanha de bombardeamento de 80 dias em 1999 para infligir danos econômicos e forçar a Sérvia a retirar suas tropas do Kosovo. Esta estratégia tem as vantagens óbvias de zero baixas e poucos soldados no terreno. Enfoca em “competidores quase iguais” (quer dizer a China) e ela sozinha pode consumir todo o orçamento do Departamento de Defesa.

Na segunda, a Marinha, inadequadamente financiada para construir mais navios, já iniciou uma campanha nacional bem divulgada (financiada por doadores afluentes à Fundação

da Escola de Guerra Naval) para formar uma nova estratégia marítima. Na década de 80, o Secretário da Marinha John Lehman planejou uma estratégia marítima contra os soviéticos que a Administração Reagan adotou e que levou a um aumento drástico no orçamento da Marinha. O esforço atual resultará em um documento bem pensado com apoio influente.

A terceira estratégia exige combater a guerra longa contra extremistas islâmicos e também possuir forças e equipamento suficientes para o caso de ter que lutar em guerras terrestres empregando centenas de milhares de soldados americanos (p. ex., outra guerra na Coreia).

Todas essas três estratégias têm validade presumida e, por isso, as verbas serão distribuídas entre elas. No entanto, as forças terrestres para a guerra prolongada estão num aperto porque a reação emocional ao problema iraquiano afetará a determinação de valores sobre seu financiamento. Depois da caída de Saigon, o Congresso diminuiu o financiamento do Exército e do CFN, incitando o ex-Secretário de Defesa James R. Schlesinger a declarar que os cortes “eram profundos, cruéis e arbitrários.” Em seguida, o Presidente Ford demitiu Schlesinger e os cortes continuaram durante um ambiente de aborrecimento que persistiu por alguns anos.

Devido a um choque orçamentário do Departamento de Defesa que está para ocorrer, decisões estratégicas têm que ser tomadas. A amargura política sobre o Iraque severamente afetará o financiamento em longo prazo das forças terrestres do Exército e do CFN, a não ser que haja uma liderança militar respeitada e forte para formular uma estratégia coerente. O Exército e CFN devem contestar o modelo da Marinha e não fazer solicitações separadas baseadas nos sistemas de armas. As forças terrestres precisam de um general — o General Casey ou Petraeus não me saem da cabeça, mas podem ser outros — que possua uma visão que reconhece os erros, incorpore as lições do Iraque e consiga olhar além daquele país em sua nova fase de formação política.

## Conclusão

Quatro lições do Iraque são evidentes. Em primeiro lugar, os líderes militares superiores no Iraque devem transmitir um padrão comum

de expectativas sobre o comportamento da agressividade da missão para a duração desta guerra que traz discórdia política. Segundo, temos que avaliar nosso desempenho militar com sinceridade e não imitar os políticos que se recusam a reconhecer erros — ninguém passa pela vida, guerra ou um jogo de futebol sem cometer erros. O caso do Iraque é de uma guerra policial e os sistemas americanos e iraquianos não estão identificando, prendendo e aprisionando em número suficiente para garantir um encurtamento ou talvez uma vitória na guerra. Esses erros, reconhecidos pelos soldados de todos os níveis, passam sem serem corrigidos, ano após ano, e mancham a reputação de nossos generais. Terceiro, o contrato social entre o soldado e o público americano precisa ser restaurado. O novo Secretário de Defesa deve se esforçar para reafirmar a virtude do valor e incentivar que a imprensa e o Congresso façam o mesmo. A coragem, disse Aristóteles, é a virtude que faz possível todas as outras virtudes. Como uma nação, já esquecemos isso. Quarto, a competição pelos recursos de defesa vai ser feroz. Para diminuir os cortes orçamentários que seguem uma guerra impopular, um general digno de crédito deve formular uma estratégia convincente para as forças terrestres. **MR**

---

## REFERÊNCIAS

1. SHANKER, Thom. “U.S. General discusses Goals of His Return to Iraq,” *New York Times*, 20 de novembro de 2006.
2. Inquirição de Confirmação da Comissão das Forças Armadas (*Armed Services Confirmation Hearing*) de um candidato para Secretário de Defesa Robert Gates, 5 de dezembro de 2006. Na inquirição, o Presidente da Comissão das Forças Armadas John Warner, observou que o General Peter Pace já disse para integrantes da comissão durante um almoço privado que “Não estamos ganhando, mas não estamos perdendo [no Iraque].”
3. General William Caldwell, Briefing de Atualização Operacional do Iraque (*Iraq Operational Update Briefing*), Força Multinacional-Iraque, Bagdá, 5 de dezembro de 2006.
4. SEMPLE, Kirk. “Captain’s Goal: Bring Her Soldiers Home,” *New York Times*, 19 de novembro de 2006.
5. Weissert, Will. “U.S. Troops in Insurgent Stronghold Welcome Plans for Change,” *New York Times*, 6 de dezembro de 2006, disponível em: [http://www.boston.com/news/local/connecticut/articles/2006/12/06us\\_troops\\_in\\_insurgent\\_stronghold\\_welcome\\_plans\\_for\\_change/?rss\\_id=Boston.com+%2F+News](http://www.boston.com/news/local/connecticut/articles/2006/12/06us_troops_in_insurgent_stronghold_welcome_plans_for_change/?rss_id=Boston.com+%2F+News).
6. CLOUD, David S. e SCHMITT, Eric. “More Retired Generals Call for Rumsfeld’s Resignation,” *New York Times*, 14 de abril de 2006.
7. O General John Abizaid testemunhando perante a Comissão das Forças Armadas do Senado, 15 de novembro de 2006.
8. Conferência de Notícias da Casa Branca com o Presidente George Bush e o Primeiro Ministro britânico Tony Blair, 7 de dezembro de 2006.